

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO**

**Instituto de Ciências Humanas e Sociais**

**Departamento de Educação**

Rafaela Pereira de Almeida

**PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO  
DE CRIANÇAS SURDAS: Aquisição tardia da Língua de Sinais  
e os impactos na Alfabetização e Letramento**

**Mariana, 2024**

Rafaela Pereira de Almeida

**PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO  
DE CRIANÇAS SURDAS: Aquisição tardia da Língua de Sinais  
e os impactos na Alfabetização e Letramento**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a conclusão da disciplina EDU 023, Seminário VII: Conclusão de Curso do Departamento de Educação do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Andréia Chagas Rocha Toffolo.

Professor da disciplina: Prof. Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos.

**Mariana, 2024**



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Rafaela Pereira de Almeida**

**Processo de alfabetização e letramento de crianças surdas:  
Aquisição tardia da Língua de Sinais e os impactos na Alfabetização e Letramento**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Pedagoga

Aprovada em 16 de fevereiro de 2024

### Membros da banca

Doutora Andreia Chagas Rocha Toffolo - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto  
Doutor Erisvaldo Pereira dos Santos - Professor - Universidade Federal de Ouro Preto

Andreia Chagas Rocha Toffolo, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 01/03/2024



Documento assinado eletronicamente por **Andreia Chagas Rocha Toffolo, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 01/03/2024, às 10:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0676275** e o código CRC **59705198**.

**PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO  
DE CRIANÇAS SURDAS: Aquisição tardia da Língua de Sinais  
e os impactos na Alfabetização e Letramento**

**RESUMO**

Este artigo aborda questões relativas ao processo de alfabetização e letramento de crianças surdas que adquiriram tardiamente a língua de sinais e estudam em escolas inclusivas. Por meio de uma pesquisa bibliográfica investigou-se trabalhos que discutem sobre práticas pedagógicas adotadas por professores do Ensino Fundamental I, no ensino da língua portuguesa como segunda língua para surdos. Os temas que mais destacaram na revisão foram: a importância da exposição precoce à língua de sinais; a influência benéfica do ensino bilíngue; e os desafios específicos enfrentados durante a alfabetização e a implementação de práticas pedagógicas inclusivas. As conclusões destacam a necessidade de uma formação especializada para os educadores, da disponibilidade de materiais didáticos acessíveis para educação dos surdos, e a importância do contexto social para o pleno desenvolvimento da identidade e autonomia desses alunos. Espera-se que este estudo contribua para reflexões acerca do processo de alfabetização e letramento de aprendizes surdos, com vistas à promoção de uma abordagem inclusiva e empática no campo educacional.

**Palavras-chaves: Alfabetização Bilíngue. Crianças Surdas. Inclusão Pedagógica.**

## **ABSTRACT**

This article addresses issues related to the literacy process of deaf children who acquired sign language late and study in inclusive schools. Through bibliographical research, works were investigated that discuss pedagogical practices adopted by Elementary School teachers when teaching Portuguese as a second language for deaf people. The themes that stood out most in the review were: the importance of early exposure to sign language; the beneficial influence of bilingual education; and the specific challenges faced during literacy instruction and the implementation of inclusive pedagogical practices. The conclusions highlight the need for specialized training for educators, the availability of accessible teaching materials for the education of deaf people, and the importance of the social context for the full development of these students' identity and autonomy. It is hoped that this study will contribute to reflections on the literacy process of deaf learners, with a view to promoting an inclusive and empathetic approach in the educational field.

**Key-words: Bilingual Literacy. Deaf Children. Pedagogical Inclusion.**

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>2. DESENVOLVIMENTO</b> .....	8
2.1 <i>Educação para surdos</i> .....	8
2.2 <i>Processo de alfabetização e letramento de pessoas surdas</i> .....	11
2.3 <i>Educação inclusiva e Educação Bilíngue</i> .....	13
2.4 <i>Aquisição tardia da língua de sinais e ensino da língua portuguesa</i> .....	15
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	17
<b>4. RESULTADOS</b> .....	18
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	24
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	26

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo discute questões relacionadas aos processos de alfabetização e letramento de pessoas surdas. Meu interesse por esse tema surgiu a partir do meu contato com a aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais (Libras) em um contexto religioso que frequentei em 2019. Na época, tive a oportunidade de interagir com um homem surdo na fase adulta que estava aprendendo Libras. Esse encontro despertou minha curiosidade sobre como seria a vida de uma pessoa surda que adquire a língua de sinais na infância, e como as relações sociais poderiam ser diferentes.

Posteriormente, ingressei no curso de Pedagogia na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e participei como bolsista voluntária do projeto de extensão "Libras na UFOP". Neste projeto, são oferecidos cursos de Libras à comunidade acadêmica e tem como coordenadora a professora Dra. Andreia Toffolo, minha orientadora atual. Durante minha participação no projeto, pude aprofundar meus conhecimentos sobre a educação de surdos e os desafios enfrentados por eles no processo de aprendizado da língua de sinais e da língua portuguesa. Minha grande indagação era: Como os surdos aprendem a língua de sinais, se a maioria deles nascem em lares ouvintes (Lebedeff, 2012). E como aprender uma segunda língua (L2), em um contexto em que a primeira língua (L1) – Libras, não está consolidada? Tal questionamento motivou este trabalho, cujo objetivo é explorar os impactos da aquisição tardia da língua de sinais no aprendizado da língua portuguesa escrita.

Por muito tempo, as pessoas surdas foram privadas de educação devido à crença de que eram seres sem capacidade mental, segundo a perspectiva clínica. Na antiga sociedade grega, os surdos eram considerados incompetentes e incapazes de raciocinar. Assim, suas identidades eram apagadas devido a um pensamento social preconceituoso que acreditava que, sem a linguagem oral, as pessoas não poderiam construir seus pensamentos pessoais, resultando na exclusão social (Gaudenzi; Ortega, 2016). A concepção da surdez como doença, pautada em ideias capacitistas influenciaram profundamente a forma como as pessoas surdas foram tratadas ao longo da história. Na seção 2.1, abordaremos um pouco da história da educação dos surdos.

Como os surdos possuem ausência ou limitação da audição, a língua que aprendem de forma natural é a língua de sinais, de modalidade visual-espacial, em que são utilizadas as mãos, o espaço e a forma visual como instrumentos de comunicação.

A atual proposta para educação de surdos, prevê o ensino da língua de sinais como L1 e a língua portuguesa escrita como L2. A criança surda com atraso linguístico na aquisição da

Libras, apresentará dificuldades no aprendizado da língua portuguesa, visto que, para o aprendizado de uma L2 é necessária uma L1. Diante deste cenário, discutiremos neste trabalho sobre práticas pedagógicas adotadas por professores do Ensino Fundamental I, no processo de alfabetização e letramento na língua portuguesa, por aprendizes surdos, os quais adquiriram tardiamente a língua de sinais, e que estão inseridos em um contexto de educação inclusiva.

Para atender ao proposto, este artigo está estruturado em seis partes distintas. Na primeira seção, abordamos questões teóricas que direcionam o trabalho. Em seguida, detalhamos a metodologia adotada e apresentamos os resultados obtidos no estudo. Posteriormente, fornecemos uma revisão bibliográfica abrangente. Por fim, concluímos o artigo com as considerações finais.

## 2. DESENVOLVIMENTO

A seguir, enfatizamos questões teóricas cruciais para a compreensão do contexto educacional dos surdos. Isso abrange a história da educação desses indivíduos, o processo de alfabetização e letramento, temas relacionados à educação inclusiva e bilíngue, bem como a aquisição tardia da língua de sinais e o ensino da língua portuguesa.

### 2.1 Educação para surdos

Conhecer a história das pessoas surdas, é de extrema importância para o desenvolvimento de reflexões relacionadas à educação dos surdos ao longo do tempo, contribuindo também com a criticidade sobre o fato de que mesmo existindo políticas de inclusão, ainda existem situações de exclusão dessas pessoas.

Na Grécia, o filósofo Aristóteles (384 – 322 a.C.), dizia-se que a linguagem era a condição que tornava as pessoas humanas, dessa maneira, o surdo não poderia ser considerado um ser humano em sua individualidade, uma vez que lhe faltava a audição e sua fala era comprometida. Na idade antiga, os romanos confundiam a surdez com deficiência mental, e na China as pessoas surdas eram sacrificadas.

A ideia de que os surdos eram seres incapazes de pensar se perpetuou por décadas, assim, era comum que vivessem escondidos, não tendo acesso às escolas, teatros, cinema, lojas e locais diversos. Em momentos de convivência diante a sociedade, comumente estavam acompanhados de seus pais, e, em decorrência disso, abstiveram-se de sua autonomia (Monteiro, 2006, p. 279).

No Brasil, a história da educação dos surdos é marcada pela vinda do professor francês Ernest Huet em 1855. Huet mudou-se para a corte de Portugal no Brasil a convite do imperador Dom Pedro II, que tinha um neto surdo. O professor francês pertencia a uma família nobre na França, e aos 12 anos ficou surdo, porém teve acesso a melhor educação da época, com experiência de mestrado e cursos em Paris. No ano de 1856 trouxe o alfabeto manual francês e alguns sinais para o Brasil, desenvolvendo um trabalho notável na área da educação de surdos brasileiros.

Em 1857 foi fundada a primeira escola para surdos no Rio de Janeiro – Brasil, o “Imperial Instituto dos Surdos-Mudos”, hoje “Instituto Nacional de Educação de Surdos” – INES, criado pela Lei nº 939 no dia 26 de setembro. Nesta instituição iniciou-se a criação da língua brasileira de sinais, utilizando a junção dos sinais da língua francesa com o sistema utilizado pelos surdos brasileiros.

Em muitos países, existia determinada resistência em considerar a língua de sinais como forma de comunicação, pois argumentaram que a língua de sinais prejudicaria a fala dos surdos, que ficariam preguiçosos para oralizar (Wrigley, 1996). Em virtude disso, entre os dias 6 e 11 de setembro de 1880, aconteceu um congresso internacional de educadores surdos na cidade de Milão, na Itália. O evento foi conduzido, organizado e patrocinado por vários especialistas ouvintes defensores do oralismo puro, um método que ensina os surdos a linguagem oral ou falada. Durante esse congresso, uma votação foi realizada oficialmente proibindo o uso da língua de sinais na educação de surdos, com a expectativa de integrá-los à comunidade ouvinte. Neste congresso, todos os professores surdos foram impedidos de participar dessa votação.

Após a implementação do oralismo, a qualidade da educação dos surdos sofreu uma queda significativa em virtude da falta de envolvimento dos surdos no processo educacional e da utilização de um método que desconsidera a aquisição natural das línguas de sinais pelos surdos, devido ao impedimento sensorial para aquisição de uma língua oral auditiva. Assim, estes sujeitos ficaram limitados em suas habilidades, e prejudicados severamente em seu desenvolvimento integral.

Por volta de 1993, a comunidade surda se uniu para defender seus direitos linguísticos e culturais, buscando evitar a extinção da língua de sinais, acarretando no fracasso do oralismo. Em 1968 um professor surdo da Califórnia, criou a filosofia da comunicação total, pensando em uma abordagem comunicacional mais flexível, a qual foi utilizada por muitos países, tendo como principal objetivo inserir os surdos à sociedade ouvinte. Tal abordagem valorizava o oralismo e considerava todas as formas de comunicação, como gestos naturais, alfabeto digital, expressão facial, técnicas de estimulação auditiva e língua de sinais, como vantajosas. Nos anos 70 e 80 predominava a filosofia da comunicação total no Brasil, o que possibilitou alguns avanços na comunicação das pessoas surdas, porém, as dificuldades na aprendizagem de leitura e escrita prosseguiram, pois, a mistura de língua de sinais e língua oral, dificultam a percepção do surdo em evidenciar a estrutura sintática da língua oral e língua de sinais.

O método pelo qual se utiliza sinais e falas de forma concomitante foi concebido de maneira errônea por muitos educadores, que adotavam o uso de duas línguas ao mesmo tempo: uma língua oral e uma sinalizada. Esse método passou a ser nomeado por Botelho (1998) como Bimodalismo, que no Brasil significa a utilização do português sinalizado, possuindo ligação com a filosofia da comunicação total. A principal crítica era justamente considerar que o surdo deveria aprender a língua portuguesa sinalizada, fator que não fazia sentido para a comunidade surda, pois a língua natural dos surdos é a língua de sinais, e ela possui gramática e estruturas diferentes da língua portuguesa.

Após o bimodalismo não obter sucesso, na década 1980 iniciou-se movimentos e reivindicações globais, a fim de que houvesse a implementação de uma educação bilíngue para surdos. O bilinguismo foi adotado no Brasil no ano de 1990, trazendo a proposta de ensino considerada a mais adequada até então, pois consiste em um primeiro momento a aquisição da língua de sinais para surdos, por ser sua língua natural. Lacerda e Mantelatto (2000), afirmam que “o bilinguismo visa a exposição da criança surda à língua de sinais o mais precocemente possível, pois esta aquisição propiciará ao surdo um desenvolvimento rico e pleno de linguagem e, conseqüentemente, um desenvolvimento integral”.

Em 2002, após esforços contínuos da comunidade surda, foi promulgada a Lei nº 10.436, em 24 de abril, oficializando a língua brasileira de sinais - Libras como meio legal de comunicação e expressão no Brasil. Tal conquista foi um marco importante na luta contra o preconceito e na promoção da inclusão e igualdade para as pessoas surdas. A Libras é considerada a língua natural dos surdos, de modalidade visual espacial que utiliza como canal de comunicação, movimentos, expressões faciais e corporais, além de possuir uma gramática própria com sua estrutura sendo composta pelos cinco níveis linguísticos: o fonético/fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático Brito (1995), Quadros (1999), Quadros e Karnopp (2004).

No ano de 2005, o decreto nº 5.626 veio regulamentar a Lei nº 10.436/2002, propondo ações que contemplam a inclusão da Libras como disciplina obrigatória na grade curricular de formação de professores, e o incentivo ao uso e difusão da Libras e da língua portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação. No capítulo IV intitulado como DA GARANTIA DO DIREITO À EDUCAÇÃO DAS PESSOAS SURDAS OU COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA, prevê que:

Art. 22: As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem assegurar a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva por meio da implementação de um ambiente educacional adequado.

Isso inclui a organização de escolas com estrutura específica para surdos, onde haja professores bilíngues disponíveis. Além disso, esses alunos têm o direito a uma escolarização em turno diferenciado e à presença de intérpretes de Libras para garantir uma comunicação eficaz e uma participação plena no ambiente escolar.

O Art. 5º aponta que, a formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou

curso normal superior, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução, viabilizando a formação bilíngue.

Embora a comunidade tenha conquistado direitos importantes, amparados em legislação, na sociedade atual, ainda persistem muitos preconceitos em relação às pessoas surdas, como a falsa crença em sua incapacidade, barreiras na acessibilidade à serviços de saúde, educação, transporte, tarefas diárias, nas relações sociais, refletindo sentimentos de piedade e incapacidade decorrentes da infundada ideia de normalidade. Diante deste contexto, é de extrema importância a organização de ações e políticas públicas que propõem ampliar a acessibilidade e inclusão direcionadas para a população surda que visam a garantia de seus direitos.

## *2.2 Processo de alfabetização e letramento de pessoas surdas*

Ao nascerem, as crianças são inseridas naturalmente em um contexto social que possui uma estrutura pré-determinada, com informações sobre o mundo letrado, assim, antes mesmo de ingressarem na fase escolar, já têm alguma familiaridade com as letras. Embora a alfabetização necessite de um ensino formal e sistematizado, a base alfabética vai sendo construída diante do contexto social em que se vive.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2017, foi estabelecido que seja iniciado o processo de alfabetização em crianças a partir dos 6 anos de idade, no 1º ano do Ensino Fundamental. A alfabetização é um processo de aquisição da “tecnologia da escrita”, isto é, de um conjunto de técnicas – procedimentos habilidades - necessárias para a prática de leitura e da escrita: “as habilidades de decodificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (alfabético ortográfico)” (Morais; Albuquerque, 2007, p. 15).

No processo de alfabetização é necessário respeitar e observar os níveis alfabéticos da criança, como por exemplo a escrita espelhada; a diferenciação entre números e letras; e, a direção da escrita, sendo da esquerda para a direita. Tais aspectos devem ser trabalhados através de uma rotina escolar a fim de que a criança possa adquirir os conhecimentos da língua portuguesa, os quais são: “saber decodificar palavras e textos escritos; aprender a ler, reconhecendo globalmente as palavras; ampliar a sacada do olhar para porções maiores de texto que meras palavras, desenvolvendo assim, fluência e rapidez de leitura (fatiamento) (Brasil, 2017, p. 93). Vale ressaltar que as crianças possuem tempo de aprendizagem diferentes,

portanto a sala de aula não será constituída de forma homogênea, e sempre terá pontos distintos a serem trabalhados à medida que os conteúdos são abordados.

Existem diversas metodologias de alfabetização, sendo os métodos fonológicos considerados os mais eficazes por cientistas e pesquisadores que participaram da 1ª Conferência Nacional de Alfabetização baseada em evidências (Conabe), organizada pelo Ministério da Educação (MEC) no ano de 2019. Tais métodos servem como base para que os alunos adquiram conhecimentos sobre a cultura escrita e o sistema ortográfico, abordando a junção de palavras na ordem fonológica, ressaltando a importância dos sons finais das palavras e as várias variações que podem ocorrer no processo cognitivo da criança.

Em relação ao termo “Letramento”, Soares (2000) explica que se trata de uma tentativa de tradução do inglês *Literacy*, que significa “o estado ou a condição de se fazer os usos sociais da leitura e da escrita”. O letramento é um conceito para além da alfabetização, pois as crianças antes mesmo de entrarem em contato com a escola estão imersas em um mundo letrado, onde as pessoas leem revistas, receitas, gibis, músicas, placas de trânsito, neste sentido, é possível que uma pessoa seja letrada, mas analfabeta.

O letramento é um sistema que possui um processo amplo, explorando o desenvolvimento de habilidades e práticas do uso do sistema convencional na escrita, para além de ler e escrever, o que auxilia na interpretação de mundo. Embora a alfabetização e letramento tenham significados distintos, são inseparáveis, pois o processo de alfabetização se refere a codificar e decodificar a escrita, e o letramento auxilia no domínio em utilizar a linguagem na prática social. Nesse sentido, é relevante que o professor, além de ensinar a ler e escrever, auxilie os alunos na decodificação e na compreensão do que estão lendo.

A falta de acesso a recursos adequados que propiciem a alfabetização e letramento das crianças é um desafio em nossa sociedade. Pierre Bourdieu (1973 *apud* Ríos, 1999) aborda o conceito de Capital Cultural, que refere-se à questões relativas à exclusão social, no que diz respeito às crianças que não possuem acesso às chamadas artes e cultura elitistas, como o acesso a livros clássicos, filmes, apresentações teatrais, conhecimentos geográficos, dentre outros, que são exigidos por algumas escolas e que favorecem o desempenho escolar dos estudantes que possuem determinado capital.

Diante disso, pude ponderar sobre o processo de alfabetização e letramento de crianças surdas, as quais muitas vezes não têm a oportunidade de aprender sua língua natural, a Libras, por falta de acesso à recursos e metodologias adequadas. É desafiador e até mesmo agressivo exigir que crianças surdas sejam alfabetizadas primordialmente por meio do método fônico, que requer atenção aos sons de cada sílaba das palavras.

O processo de alfabetização e letramento do aluno surdo deve ocorrer de forma distinta à das crianças ouvintes, uma vez que a língua de sinais é considerada a primeira língua (L1) da criança surda e o português em sua modalidade escrita sua segunda língua (L2). Enquanto as crianças ouvintes se beneficiam de estratégias fonológicas para o aprendizado de uma língua que elas já falam, as crianças surdas precisam aprender uma segunda língua, o português escrito, que não se baseia na sua L1, a Libras. Posto isso, é essencial que se invista em práticas didáticas voltadas para o ensino de uma segunda língua (L2), com metodologias pautadas em recursos visuais, e que tenha a língua de sinais como mediadora do aprendizado.

O letramento é essencial para o pleno exercício da cidadania e para a construção da autonomia para todos os indivíduos. Portanto, refletir sobre as práticas pedagógicas que favorecem o letramento bilíngue, considerando tanto a Libras quanto a língua escrita, é fundamental para proporcionar uma educação inclusiva e de qualidade.

### *2.3 Educação inclusiva e Educação Bilíngue*

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, de 6 de julho de 2015, nº 13.146, é destinada a assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais das pessoas com deficiências, visando a inclusão social e cidadania. A educação inclusiva no Brasil possui como proposta garantir o acesso e a participação de todos os discentes, independentemente de suas diferenças, deficiências ou necessidades especiais no âmbito escolar, trazendo como principal objetivo, promover uma educação que respeite as diversidades, adaptando métodos e recursos para considerar as necessidades individuais, proporcionando uma experiência de aprendizagem equitativa para todos.

Para a inclusão de alunos surdos, é essencial buscar o Atendimento Educacional Especializado (AEE) para que este possa oferecer suporte e recursos específicos que atendam às necessidades educacionais desses indivíduos. Na sala de aula, é fundamental contar com a presença de um intérprete de Libras, bem como estímulos visuais e materiais didáticos apropriados que visem auxiliar na valorização da língua de sinais. Quanto aos professores, presume-se que estejam devidamente capacitados e comprometidos com a educação de todos os alunos.

A prática da educação inclusiva para surdos pode ser desafiadora, uma vez que, na maioria das salas de aula, professores e alunos são ouvintes, com apenas um ou dois alunos surdos. Nesse contexto, a interação entre os alunos surdos e ouvintes pode ser limitada. Em

relação ao intérprete, mesmo que este esteja presente em sala de aula, é comum que o aluno com surdez não tenha conhecimento da língua de sinais. Diante disso, pode surgir uma barreira adicional para a plena compreensão e participação do aluno surdo nas atividades da sala de aula, uma vez que o desconhecimento da língua de sinais dificulta a comunicação efetiva.

No ensino inclusivo, as aulas planejadas possuem foco na língua portuguesa, ou seja, a metodologia em evidência é preparada para alunos ouvintes, em uma língua que eles já compreendem. Sendo assim, esses alunos aprendem os conteúdos a partir de uma língua que já falam, e, a conexão existente entre a língua oral e escrita, auxilia no processo educacional. Para os alunos surdos, o aprendizado da língua portuguesa se dá de forma distinta, pois, além de não obterem o conhecimento da língua oral, muitas vezes desconhecem também a língua de sinais.

A diferença linguística entre os alunos surdos e ouvintes, impõe uma barreira de comunicação, fazendo com que surdos se sintam solitários, pois nos momentos de interação, os surdos não conseguem acessar as mesmas atividades dos colegas ouvintes, e, por vezes, encontram-se em situação de dependência do intérprete de Libras para se comunicar no ambiente escolar. Outro fator a ser destacado, refere-se ao fato de que para o aprendiz surdo, a língua portuguesa deveria ser ensinada com metodologias de ensino de segunda língua, o que não ocorre na escola inclusiva, uma vez que a língua de instrução é a LP. Neste sentido a escola se torna um local desmotivador, pois mesmo que exista o título de escola inclusiva, a exclusão social persiste.

Segundo Vygotsky (1934), a interação social está intrinsecamente relacionada ao desenvolvimento cognitivo dos alunos. As crianças iniciam o aprendizado de acordo com o que elas veem ao seu redor no espaço social em que estão inseridas. Ao ingressarem no ambiente escolar, têm contato com outras crianças, interagindo em brincadeiras e usando a imaginação ao contar histórias. As aulas em espaços não-escolares proporcionam atividades que estimulam a criança, desenvolvendo conhecimentos latentes dentro dela. Dessa forma, elas demonstram maior interesse no aprendizado.

Em relação à proposta de educação bilíngue para surdos, prevê-se que todos os professores sejam bilíngues (Libras e Português) e que as disciplinas sejam ministradas em língua de sinais. Nesta abordagem, a língua portuguesa é considerada a segunda língua (L2), sendo ensinada na modalidade escrita sem a mediação de intérpretes de Libras. Todos os alunos matriculados são surdos, o que é de grande importância para o processo de inclusão educacional e interação linguística entre eles. Vale ressaltar que a maioria dos alunos surdos são filhos de pais ouvintes. Nesse contexto, existe a possibilidade de que, em determinados casos, esses alunos tenham o primeiro contato com a língua de sinais e outras pessoas surdas tardiamente.

Embora a filosofia bilíngue seja apontada como sendo a melhor proposta de educação para os surdos, existem diversos fatores que implicam diretamente na efetiva implementação de escolas bilíngues, como os mencionados por Toffolo (2022, p. 208):

Os métodos utilizados no ensino; a influência da L1 na L2; o fato de o surdo ter como L1 a língua de sinais, de modalidade visual e espacial que difere da língua em aprendizado, a língua portuguesa que é oral e auditiva; a ausência de uma base linguística consolidada em L1, fator que interfere no bom desempenho da L2, ao possibilitar a transferência de habilidades linguísticas da L1 para L2, mesmo em línguas de modalidades diferentes.

Independente da abordagem utilizada pela escola, é importante que os professores estejam atentos às dificuldades de cada aluno, a fim de propor práticas de ensino que vão ao encontro da demanda de cada indivíduo, reformulando abordagens que direcionam o olhar para os aprendizes surdos. Isso implica levar em consideração suas singularidades linguísticas, as quais são de extrema importância para a promoção da inclusão social e para um melhor desempenho de seus discentes.

#### *2.4 Aquisição tardia da língua de sinais e ensino da língua portuguesa*

A língua de sinais é adquirida através da imersão visual-espacial e interação com pessoas da comunidade surda. De acordo com Karnopp (1999), as crianças surdas que possuem contato com a língua de sinais desde o seu nascimento adquirem a aquisição de forma espontânea, e começam a produzir sinais aproximadamente na mesma faixa etária em que crianças ouvintes começam a falar. Assim, em um contexto de ensino bilíngue, a criança surda chegaria na escola com a língua de sinais como L1 adquirida, e, a partir de sua L1 aprenderia o português escrito como segunda língua (L2). Entretanto, não é isso que acontece na maioria dos casos, pois, entre a população surda, 95% são filhas de pais ouvintes, onde via de regra não dominam uma língua de sinais, o que compromete diretamente o desenvolvimento linguístico, cognitivo e social de seus filhos, pois os mesmos crescem em lares onde não são compreendidos e não compreendem o mundo ao seu redor.

A aquisição tardia da língua de sinais impacta diretamente no processo de desenvolvimento integral dos alunos que não adquiriram a língua de sinais. O desconhecimento ou a falta de fluência na língua pode comprometer significativamente a comunicação, o acesso à informação e a participação efetiva nas atividades educacionais, influenciando, assim, diversos aspectos do desenvolvimento global do aluno surdo. Conforme enfatiza Mousinho

(2023), “a linguagem possibilita a inserção no meio social, e a possibilidade de assumir uma identidade além dos aspectos cognitivos.

Grande parte dos jovens que chegam ao ensino regular sem terem uma primeira língua consolidada, são prejudicados no processo de instrução de uma segunda língua, pois comprovadamente sabe-se que indivíduos em idade avançada, diminui-se sua proficiência e sempre apresenta defasagens linguísticas nas línguas adquiridas tardiamente Mayberry e Lock (2003)

Neste contexto, este estudo busca investigar como os professores têm abordado o ensino de alunos surdos em ambientes escolares inclusivos, levando em consideração a presença de atraso linguístico na língua de sinais (L1).

### 3. METODOLOGIA

A metodologia foi desenvolvida por meio de pesquisas bibliográficas, visando uma análise aprofundada e fundamentada sobre o tema em questão. Essa abordagem permitiu a identificação e revisão crítica das principais contribuições teóricas e estudos relevantes no campo, proporcionando uma base sólida para a condução deste estudo. Segundo Cerro, Bervian e da Silva (2007, p.61) a pesquisa bibliográfica “constitui o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos quais se busca o domínio do estado da arte sobre determinado tema”. De acordo com Marconi e Lakatos (2002, p.183), trata-se do levantamento de toda a documentação já divulgada em formas de livros, revistas, internet, jornais, entre outros. Esse tipo de pesquisa tem como intenção colocar o pesquisador em convívio direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto com a finalidade de consentir ao investigador o reforço da comparação na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações.

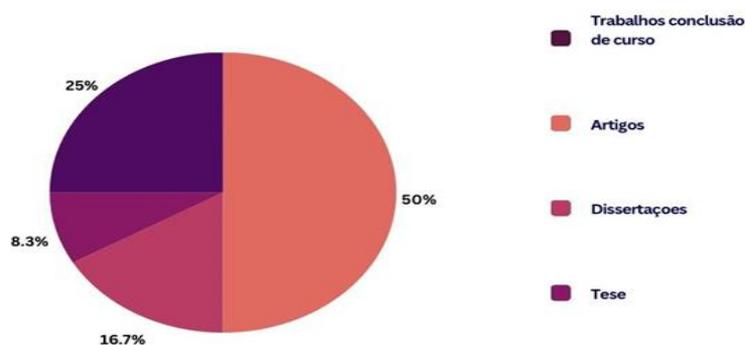
Neste trabalho, foram realizadas pesquisas bibliográficas nos sites eletrônicos da CAPES, Scielo e Google Acadêmico para o levantamento de artigos e teses já publicadas que dialogam com o tema de alfabetização e letramento de crianças surdas, bem como os impactos na alfabetização decorrentes da aquisição tardia da língua de sinais. Como critério de seleção, considerou-se a publicação nos últimos 5 anos. Os descritores utilizados incluem letramento, inclusão, alfabetização, aquisição linguística, educação, associados ao termo “surdo (s) ”.

## 4. RESULTADOS

Na pesquisa de revisão bibliográfica foram localizados 29 trabalhos, e, após leitura dos resumos, 16 foram excluídos por não abordarem a temática deste estudo. Sendo assim, 12 foram selecionados, sendo 1 tese, 6 artigos, 2 dissertações e 3 trabalhos de conclusão de curso, conforme demonstrado no Gráfico 1:

GRÁFICO 1: MATERIAIS SELECIONADOS

12 materiais selecionados



Fonte: Elaboração da autora. 2023.

Para melhor análise e organização dos textos, dividimos as publicações em 3 temas: 1) Trabalhos que focam na aquisição tardia da língua de sinais; 2) Pesquisas de ordem teórica conceitual; E, 3) Propostas e Práticas Pedagógicas.

## 5. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A presente revisão bibliográfica visa explorar estudos e trabalhos que se concentram na aquisição tardia da língua de sinais, destacando a interseção com o aprendizado da língua portuguesa. Esta análise abrange pesquisas que examinam as nuances da aquisição da língua de sinais em idades mais avançadas e investiga como esse processo se relaciona com o desenvolvimento do conhecimento da língua portuguesa. Ao abordar essas interações complexas, buscamos compreender as tendências e contribuições significativas presentes na literatura atual sobre esse tema específico.

### *5.1 Trabalhos que focam na aquisição tardia da língua de sinais*

Estudos têm evidenciado que a falta de exposição à língua de sinais desde os primeiros anos de vida pode acarretar impactos significativos no desenvolvimento linguístico, educacional e social de indivíduos surdos.

Aragão, Costa e Guarany (2022) conduziram um trabalho com o objetivo de analisar os efeitos da aquisição tardia da língua de sinais no desenvolvimento, comunicação e aprendizagem de uma jovem surda, de 15 anos, matriculada no 4º ano do Ensino Fundamental. Neste estudo, propôs-se analisar o processo de inclusão de uma aluna surda no ambiente escolar, destacando-se o fato de que ela frequentemente se encontrava isolada. No entanto, observou-se que a dinâmica mudou significativamente quando uma pedagoga introduziu o ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) de maneira lúdica para os alunos ouvintes.

Essa abordagem inovadora promoveu a socialização da aluna surda, e resultou em avanços notáveis nas interações e comunicações entre ela e seus colegas ouvintes. Essa evolução não apenas enriqueceu a experiência educacional da aluna surda, mas também contribuiu para a construção de um ambiente escolar mais inclusivo e colaborativo. Esse exemplo destaca a importância de abordagens pedagógicas que consideram a diversidade linguística e promovem a integração de alunos com diferentes formas de comunicação.

Fávero, Vieira e Monteiro (2022) investigaram os efeitos da aquisição tardia da língua de sinais, no desenvolvimento cognitivo dos surdos e no aprendizado do português em modalidade escrita. Para que houvesse um entendimento sobre a aquisição tardia de língua de sinais e sua relação com o desenvolvimento da escrita e compreensão leitora em língua oral, buscou-se conhecer sobre o processo de aquisição da Libras de duas alunas surdas e analisar produções linguísticas das estudantes. Participaram da pesquisa duas alunas surdas: a primeira

participante cursava o 7º ano, e possuía 12 anos. Sua família sempre priorizou a aprendizagem da língua de sinais e as notas estavam sempre consideradas dentro da média esperada. A segunda aluna, de 16 anos, frequentava o 8º ano e sua família sempre relutou em aceitar a surdez e o aprendizado da Libras. O histórico escolar da aprendiz era conturbado por obter notas consideradas abaixo da média esperada.

Após análise das produções linguísticas os autores observaram que a primeira aluna, produziu um texto mais sofisticado, com detalhamento de informações, já a 2ª participante produziu o texto de forma resumida, mostrando pouca fluência. Fávero, Vieira e Monteiro (2022), concluíram que a aquisição da Língua de sinais e o apoio familiar na aceitação da surdez, são fatores que influenciam no aprendizado da língua portuguesa e possuem papel importante no desempenho escolar, além de beneficiar o desenvolvimento cognitivo dos alunos em condição de surdez.

## *5.2 Pesquisas de ordem teórica conceitual*

Neste tópico, foram selecionados estudos de levantamento bibliográfico, e pesquisas que visam o desenvolvimento e compreensão de teorias e conceitos relacionados ao processo de alfabetização e letramento de aprendizes surdos.

Pinto *et al.*, (2021), realizaram uma pesquisa bibliográfica para o levantamento de estudos sobre o processo de inclusão na educação infantil e as abordagens de alfabetização para crianças surdas, visando refletir sobre práticas e conceitos adotados por docentes para a inclusão de alunos surdos. Os autores fazem um questionamento sobre as dificuldades dos professores em relação ao ensino aprendizagem dos alunos surdos, e sobre quais metodologias são utilizadas para a alfabetização e inclusão destes alunos na Educação infantil.

Foram abordaram temas como a história da deficiência e leis que visam garantir direitos aos educandos surdos. Percebe-se que, embora as discussões sobre a surdez e a criação de legislações tenham avançado, ainda existe uma notável distância em relação a uma educação verdadeiramente de qualidade. Conclui-se que muito se fala sobre inclusão educacional, porém na prática deixam a desejar, resultando em defasagem escolar para os alunos com surdez.

Na pesquisa de Pereira e Oliveira (2023) buscou-se analisar o processo de alfabetização e letramento da criança surda, com o objetivo de verificar os desafios encontrados na inserção destes alunos no ensino regular de aprendizagem, e analisar as dificuldades que envolvem o processo pedagógico e sua influência no desenvolvimento da alfabetização e letramento das crianças surdas.

Através do método de pesquisa bibliográfica, tornou-se evidente que a principal dificuldade no processo de alfabetização e letramento dos alunos surdos reside na falta de preparo da equipe escolar em relação à fluência na Libras. Isso faz com que os alunos se sintam como estrangeiros, mesmo estando inseridos em seu próprio país. Sugere-se que para a promoção de um melhor desenvolvimento da aprendizagem da língua portuguesa e da língua de sinais, é necessária a implementação do ensino bilíngue, pois, ao apresentar tanto o sinal quanto a palavra escrita, observa-se resultados satisfatórios.

Silva *et al.*, (2023), a partir de uma pesquisa de campo, dispõe compreender as dificuldades enfrentadas por crianças surdas durante o processo de alfabetização e letramento. A pesquisa visou analisar os desafios específicos que as crianças surdas enfrentam em termos de aprendizagem, explorando as nuances do processo educacional inclusivo voltado para alunos com necessidades especiais.

Os pesquisadores fizeram uma observação no âmbito escolar, e conduziram entrevistas com os discentes. Uma das informações ressaltadas por um professor intérprete de Libras, formado em Letras Libras, é que os alunos surdos devem inicialmente aprender sua L1, para consolidarem uma base linguística sólida, e posteriormente ingressar na aprendizagem da língua portuguesa, como L2.

Considerando a individualidade do aluno, após as entrevistas, Silva *et al.* (2023) concluíram que durante as aulas ministradas pelo docente, ao ser utilizado recursos visuais, houve melhora na compreensão dos alunos em relação aos conteúdos abordados. Porém a maior dificuldade apontada na educação inclusiva de qualidade, é encontrar profissionais habilitados nesta área.

Buscando compreender os fatores que dificultam o processo de escrita dos surdos, Lima e Senna (2023) investigaram estratégias de ensino, abordagens pedagógicas, recursos didáticos e adaptações curriculares específicas para promover a aquisição da língua portuguesa escrita por alunos surdos. Tendo como base uma metodologia de ordem teórico conceitual, foi realizada análises em livros, teses, dissertações, periódicos especializados, anais de encontros científicos e as pesquisas no Banco de Tese da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a fim de observar os avanços e os dilemas relacionados à aquisição de escrita de estudantes surdos.

Lima e Senna (2023) perceberam que em situações onde os surdos não recebem estímulos adequados ao seu potencial cognitivo, sócio afetivo, linguístico e político-cultural, muitos discentes surdos sofrem com perdas consideráveis no desenvolvimento da aprendizagem, e que, os alunos possuem dificuldade na escrita alfabética, devido a língua

portuguesa ser ensinada majoritariamente pensada em alunos ouvintes. Segundo os autores, explorar o letramento em uma perspectiva bilíngue permite uma compreensão mais aprofundada dos desafios e das melhores práticas no contexto da educação inclusiva para estudantes surdos.

Oliveira (2020) a partir de um levantamento bibliográfico, objetivou refletir de que forma o processo de alfabetização e letramento contribui para a inclusão dos alunos surdos no contexto educacional numa perspectiva inclusiva. Nos estudos encontrados, a autora observou alguns elementos recorrentes nos trabalhos, como: a necessidade da presença da Libras como fator importante no processo de aquisição do português; b) a importância da formação do professor e uso de metodologias adaptativas; c) o respeito a singularidade de cada sujeito surdo no processo de aquisição do Português L2; e, d) e a presença de atividades de leitura e de escrita com abordagens descontextualizadas.

Após analisar estes elementos, Oliveira (2020) conclui que os pontos principais para que haja a aprendizagem da alfabetização e letramento para os alunos surdos são a aquisição da língua de sinais, a formação adequada de docentes, o respeito a singularidade de cada aluno e o planejamento de atividades de leitura e escrita partindo do que faça sentido entre o que o aluno diz e escreve. Desse modo, explorar uma formação especializada permitirá compreender as abordagens eficazes que promovem a inclusão e o pleno desenvolvimento da alfabetização e letramento em alunos surdos, considerando suas necessidades específicas.

Metodologias educacionais voltadas à alfabetização de alunos surdos, foram abordadas por Fabian e Lima [sd] que pesquisaram como as práticas pedagógicas voltadas à alfabetização de alunos surdos vêm sendo abordadas na literatura, e como é prejudicial o fato de desconsiderar a diferença do aluno e focar no que falta. Os autores trazem a importância de compreender a Libras como uma língua, que possui aspectos culturais organizados pela comunidade surda, e que será a língua mediadora na alfabetização do surdo na língua portuguesa como L2.

Fabian e Lima [sd] concluem que para atender às necessidades educacionais de cada aluno, é essencial elaborar práticas educacionais diárias, e, o corpo docente precisa se adaptar aos diferentes elementos curriculares, considerando as peculiaridades linguísticas, aspectos culturais e, sobretudo, as necessidades específicas do aluno surdo, para que este se sinta pertencente ao ambiente escolar, e motivação para frequentar as aulas.

No trabalho de Nogueira *et al.*, (2022), objetivou-se compreender como acontece o processo de alfabetização e letramento de crianças surdas em uma segunda língua oral e como os alunos surdos se apropriam do sistema alfabético. Foi abordado o fato de que no ambiente escolar inclusivo, o aluno surdo convive com alunos ouvintes, o que gera a possibilidade do

mesmo se sentir um estrangeiro em seu país de origem, podendo gerar desinteresse em dar continuidade aos estudos. Ressalta-se que os docentes devem estar atentos a todas metodologias que acarretam em resultados positivos ao desenvolvimento dos aprendizes, buscando compreender como os alunos surdos se apropriam do sistema alfabético.

Além do processo de alfabetização e letramento de crianças surdas ocorrer de forma distinta ao de ouvintes, a aquisição tardia da língua de sinais, os colocam em desvantagem. Para superar estas lacunas cognitivas, os autores argumentam sobre a importância da adesão à proposta de ensino bilíngue e o uso de materiais concretos para exploração de imagens, como uma ferramenta para o entendimento da escrita alfabética. Ressalta-se que, deve-se levar em consideração os conhecimentos prévios dos alunos, respeitando sua individualidade e necessidades específicas, pois cada aluno possui uma demanda em particular.

### *5.3 Propostas e Práticas pedagógicas*

No trabalho de Azevedo, Oliveira e Viana (2022), objetivou-se apresentar o *Alfalibras*, um software educativo para alfabetização bilíngue dos surdos, disponível de forma online. Trata-se de uma proposta de jogo, o qual parte do contexto de um dia de sala de aula na educação infantil familiar às crianças, visando auxiliar no processo de alfabetização bilíngue das crianças, trazendo aspectos da Libras, da língua portuguesa na modalidade escrita, imagens e alfabeto datilológico.

O *Alfalibras* é um recurso didático que foca no processo de ensino aprendizagem de forma lúdica e atrativa para os discentes, para enfrentar a escassez de recursos no sentido da alfabetização e letramento de alunos surdos.

Algumas propostas empregadas na aprendizagem da leitura e escrita de alunos surdos foram analisadas no estudo Almeida (2019), mediante observação participante e questionário para três professores em uma escola Municipal de Educação básica localizada na cidade de Sinop, Mato grosso. Os docentes desta instituição alegaram que existe grande dificuldade em alfabetizar os alunos surdos, devido muitos não saberem Libras, e compreendem que o ensino deve partir de um conhecimento que faça parte do cotidiano do aluno.

Em relação às práticas didáticas, as mais indicadas foram o uso de imagens e vídeos, tendo a Libras como língua mediadora do processo de ensino da língua portuguesa. O uso de estratégias visuais permite enfatizar a cultura visual, partindo do conhecimento do aluno.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi investigar, por meio de uma revisão bibliográfica, os desafios enfrentados no processo de alfabetização e letramento de crianças surdas que adquiriram a Libras tardiamente, e as estratégias utilizadas pelos professores para contornar essas dificuldades.

Ao abordar os contextos de inclusão educacional para essas crianças, é necessário refletir e problematizar os desafios de aprender uma L2 onde em alguns casos, não se tem o conhecimento da sua L1. É importante pensar no processo de ensino aprendizagem, primeiramente da língua natural dos surdos, a Libras, para o posterior ensino do português como segunda.

Diante dos acontecimentos ocorridos ao longo da história da vida dos surdos, é notório os avanços em relação aos meios de comunicações, implementação de leis e garantia dos surdos. Porém, a escassez de materiais didáticos, a aquisição tardia da Libras, a falta de investimentos na formação de docentes, e metodologias voltadas ao ensino de ouvintes, são problemas a serem questionados, conforme demonstrado através dos autores supracitados.

De forma geral, recomenda-se que os professores que trabalham em turmas mistas de surdos e ouvintes, elaborem um plano de aula pensando não somente em uma turma de ouvintes, mas também no seu aluno surdo, que demanda estratégias de ensino distintas à dos ouvintes. Mesmo com a presença de um intérprete em sala de aula, a interação professor/alunos é primordial para que o docente adquira confiança e as trocas de ensino/aprendizagem se dê da melhor maneira.

O uso apropriado de materiais didáticos para o ensino de português para surdos é outro ponto de destaque nas pesquisas. Reconhece-se a importância de selecionar e adaptar recursos pedagógicos que atendam às necessidades específicas dos alunos surdos, promovendo uma aprendizagem mais eficaz e inclusiva. Ao considerar as particularidades linguísticas e culturais desse grupo, a escolha criteriosa de materiais didáticos visa não apenas facilitar o entendimento do português escrito, mas também proporcionar experiências educacionais enriquecedoras. Esses materiais devem incorporar o uso da língua de sinais, de elementos visuais e interativos, alinhando-se com princípios pedagógicos inclusivos que promovam o engajamento e a participação ativa dos alunos surdos no processo de aprendizado do português. Dessa forma, a abordagem cuidadosa aos materiais didáticos contribui para a construção de um ambiente educacional mais acessível e estimulante, otimizando o desenvolvimento linguístico e acadêmico dos estudantes surdos.

É importante que os docentes verifiquem continuamente suas práticas educativas, lembrando que o modelo de escolas inclusivas, normalmente pensam em metodologias para uma turma de alunos ouvintes, porém se torna indispensável que os professores invistam em sua formação para desenvolver o aprendizado da Libras, refletindo sobre práticas de ensino apropriadas para o aluno surdo, e assim possam contribuir com um ensino de qualidade para todos.

A exclusão histórica das crianças surdas da sociedade e a falta de conhecimento sobre sua própria identidade são problemas que precisam ser enfrentados (Lacerda, 2006). O letramento é essencial para o pleno exercício da cidadania e para a construção da autonomia dos indivíduos surdos. Portanto, refletir sobre as práticas pedagógicas que favorecem o letramento bilíngue, considerando tanto a Libras, quanto a língua portuguesa escrita, é fundamental para proporcionar uma educação inclusiva e de qualidade.

Nas pesquisas bibliográficas, destaca-se ainda a importância crucial de os pais de crianças surdas desenvolverem proficiência na língua de sinais. Além disso, ressalta-se a relevância de sua participação em ambientes nos quais a comunidade surda está integrada. Essas práticas visam proporcionar aos filhos um contato direto e contínuo com sua língua natural desde os primeiros anos de vida. Dessa forma, ao adquirirem fluência na língua de sinais e estabelecerem conexões dentro da comunidade surda, os pais desempenham um papel fundamental no suporte ao desenvolvimento linguístico e social de seus filhos surdos.

Ao considerarmos o viés do processo de alfabetização e letramento infantil, torna-se de suma importância que a aquisição da língua de sinais aconteça durante o desenvolvimento da criança. Isso se deve ao fato de que esse aprendizado não apenas proporciona às crianças o domínio de habilidades linguísticas, mas também desempenha um papel fundamental na construção de sua identidade e no fortalecimento da autonomia. Ao adquirirem a língua de sinais desde tenra idade, as crianças surdas têm a oportunidade de se expressar de forma eficaz, comunicar suas necessidades e sentimentos, o que contribui significativamente para o desenvolvimento integral de sua personalidade e autoconfiança. Além disso, a aquisição precoce da língua de sinais cria uma base sólida para o posterior processo de alfabetização e letramento, facilitando a compreensão e a expressão escrita, essenciais para a participação plena na sociedade.

## REFERÊNCIAS

1. Almeida, Ivalucia Rodrigues de. **O processo de alfabetização com alunos surdos.** Revista Eventos Pedagógicos, v. 10, n. 1, 2019 p. 295-305.
2. Aragão, Kátia Cristina; da Silva costa, Edivaldo; Guarany, Ann Letícia Aragão. **Análise e intervenção da aquisição tardia da Libras no processo de alfabetização bilíngue de surdos.** IPÊ ROXO, v. 4, n. 1, 2022.
3. Azevedo, Debora Karoline Silva de; de Oliveira, Amanda Maria Domingos; Viana, Flávia Roldan. **Alfalibras: Um Software Educativo para a Alfabetização Bilíngue de Crianças Surdas.** In: Anais Estendidos do XI Congresso Brasileiro de Informática na Educação. SBC, 2022. p. 90-92.
4. Brasil. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e dá outras providências.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 abr. 2002.
5. Brasil. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm). Acesso em: 04 jul. 2023.
6. Brito, L.F. **Por uma gramática de línguas de sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
7. Botelho, Paula. **Segredos e silêncios na educação dos surdos.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
8. Cervo, a. L.; Bervian, p. A.; Silva, R. **Metodologia científica.** 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
9. Engel, George L. *The clinical application of the biopsychosocial model. The Journal of medicine and philosophy*, v. 6, n. 2, p. 101-124, 1981.
10. Fabian, Gleison Rocha; Lima, Ezer W. Gomes. **Alfabetização e Letramento de alunos Surdos.** Conedu. Congresso Nacional de Educação. Maceió. [s.d].
11. Fávero, Cristina Hill; Vieira, Gabriela Cristina; Monteiro, Luiz Felipe da Silva. **Formação bilíngue do surdo: influência da aquisição tardia de língua de sinais na proficiência da segunda língua.** 2022.
12. Freire, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 22ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
13. Gaudenzi, Paula; Ortega, Francisco. **Problematizando o conceito de deficiência a partir das noções de autonomia e normalidade.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 21, 2016. p. 3061-3070.

14. Guarany, Ann Letícia Aragão; Aragão, Kátia Cristina; Da Silva Costa, Edivaldo. **A pessoa surda e a aquisição tardia da Língua Brasileira de Sinais**: uma análise da prática. *Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial*, v. 8, n. 1, 2021. p. 129-142.
15. Hall, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. In: Silva, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 14ª ed. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 103-133.
16. Karnopp, L. B. **Aquisição Fonológica na Língua Brasileira de Sinais**: estudolongitudinal de uma criança surda. Porto Alegre: Instituto de Letras e Artes – PUCRS, 1999.
17. Lacerda, Cristina Broglia Feitosa de. **A inclusão escolar de alunos surdos**: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. *Cadernos cedes*, v. 26, 2006, p. 163-184.
18. Lacerda, Cristina BF; Mantelatto, Sueli AC. As diferentes concepções de linguagem na prática fonoaudiológica. **Surdez e abordagem bilíngue**, 2000 p. 23-43
19. Lebedeff, Tatiana. **Família e surdez**: algumas considerações sobre o impacto do diagnóstico e a necessidade de orientação. *Revista Educação Especial*, 2001, p.13-18.
20. Lima, Ezer Wellington Gomes; Senna, Luiz Antonio Gomes. **O estudante surdo e a língua escrita**: Entre modos de representação do pensamento. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, p. e023076-e023076, 2023.
21. Mayberry, R. I. **When timing is everything**: Age of first-language acquisition effects on second-language learning. *Applied Psycholinguistics*, v. 28, n. 3, 2007.
22. Mayberry, R.I., & Lock, E. (2003). **Age constraints on first versus second language acquisition**: Evidence for linguistic plasticity and epigenesis. *Brain and Language*, 87, 369-384.
23. Marconi, Marina de Andrade.; Lakatos, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
24. Monteiro, M. S. **História dos movimentos dos surdos e o reconhecimento da Libras no Brasil**. EDT - Educação Temática Digital, v. 7, 2006. p. 279-289.
25. Morais, Artur Gomes de; Albuquerque, Eliana Borges Correia de. **Alfabetização e letramento**. *Construir Notícias*. Recife, PE, v. 07 n.37, 2007. p. 5-29.
26. Mousinho R. **Aspectos lingüístico-cognitivos da Síndrome de Asperger**: projeção, mesclagem e mudança de enquadre [Tese de Doutorado]. Rio de Janeiro: Departamento de Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003. 225p.
27. Nogueira, Eulina Maria Leite et al. **Alfabetização e letramento de surdos**: Apropriação do sistema de escrita alfabética. *Revista Latino-Americana de Estudos*

- Científicos, p. E39636-e39636, 2022.
28. Oliveira, Ana Kelle Lira de. **Alfabetização e letramento de alunos surdos numa perspectiva inclusiva**. Dissertação de Mestrado. Universidade aberta do Brasil– UAB-IFPB Paraíba, 2020.
  29. Pereira, Vanessa Alves; De oliveira, Thamires Silva. **Alfabetização e letramento de alunos surdos: desafios e possibilidades em uma perspectiva bilíngue**. Cadernos de Educación y Desarrollo, v. 15, n. 11, 2023 p. 12993-13013.
  30. Pereira, M. C. C. **Leitura, Escrita e Surdez**. SENP/CAPE, 2ª Edição, São Paulo: FDE, 2009.
  31. Pinto, Jacyguara Costa et al. **Promovendo a inclusão na Educação Infantil: abordagem da alfabetização para crianças surdas**. Revena-Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem, v. 7, 2023, p. 201-210.
  32. Quadros, R. M. de. **Phrase Structure of Brazilian Sign Language**. (Doutorado em Letras). Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
  33. Quadros, R. M.; Cruz, C. R. **Língua de sinais - instrumentos de avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
  34. Quadros, R. M.; Karnopp, L. **B. Língua Brasileira de Sinais: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
  35. Ríos, Juan Carlos Guzmán. Bourdieu, Pierre. **Capital cultural, escuela y espacio social**. Perspectivas Docentes, n. 23, 1999.
  36. Rossi, T. R. F. **Um processo em direção ao bilinguismo**. In: Lacerda, C. B. F.; Nakamura, H.; Lima, M. C. (Org.). Fonoaudiologia: surdez e abordagem bilíngue. 2000 (p.99-102). São Paulo: Plexus.
  37. Silva, Gabriela de Oliveira Cardoso *et al.* **Alfabetização e letramento: compreendendo os processos de aprendizagem dos surdos**. [s.i]. 2023.
  38. Soares, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
  39. Toffolo, Andréia Chagas Rocha *et al.* **Produção escrita de alunos surdos e consciência morfológica**. Universidade Federal de Minas Gerais Faculdade de Letras Programas de Pós-Graduação em estudos Linguísticos. 2022.
  40. UFCA - Universidade Federal do Cariri. **18 anos da Lei de Libras no Brasil: conquistas e caminho a ser percorrido para o pleno direito linguístico dos surdos**. UFCA, [S.l.], 2021. Disponível em: <https://www.ufca.edu.br/noticias/18-anos-da-lei-de-libras-no-brasil-conquistas-e-caminho-a-ser-percorrido-para-o-pleno-direito-linguistico-dos-surdos/>. Acesso em: 05 jul. 2023.

41. Vygotsky, Lev Semenovich, 1896-1934. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores/** L.S. Vigotsky; organizadores Michael Cole. {et al.}; tradução José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.
42. Vivendo Bauru. **Quantos surdos existem no Brasil segundo o IBGE.** Vivendo Bauru, 2023. Disponível em: <https://www.vivendobauru.com.br/quantos-surdos-existem-no-brasil-segundo-o-ibge/>. Acesso em: 05 jul. 2023.
43. Wrigley, Owen. **A política da surdez.** Imprensa da Universidade Gallaudet, 1996.